

O Esvaziamento das Docências: efeitos da discursividade neoliberal

THE EMPTYING OF TEACHINGS: effects of neoliberal discursivity

EL VACIAMIENTO DE DOCENCIAS: efectos del discurso neoliberal

Paola Ciane Lubke Grosslⁱ

Graduanda em Licenciatura em Matemática | Universidade Estadual do Paraná | União da Vitória | PR | Brasil 

Gilberto Silva dos Santosⁱⁱ

Doutor em Educação em Ciências | Universidade Estadual do Paraná | União da Vitória | PR | Brasil 

Resumo:

Este texto aborda o esvaziamento das docências legitimado pelos discursos neoliberais. Um drama: quais são os sentidos atribuídos às docências contemporâneas? Para responder a questão de pesquisa, discutimos um conjunto de materiais formado por documentos oficiais e artigos científicos que tratam das *metodologias ativas*, interpretadas por nós como efeitos dos discursos neoliberais. Com a análise discursiva de vertente francesa e no caminho que se faz uma metodologia, interpretamos quatro tipologias possíveis: *Professora e professor como mediadores/articuladores*; *Professora e professor como gestores*; *Professora e professor como inovadores*; e *Professora, professor e alguns sentidos às aulas, à escola...* Ao fim, convidamos leitora e leitor para pensar que se há um esvaziamento nas *docências-neoliberais*, nossos movimentos afirmam docências que excedem e afirmam o presente.

Palavras-Chave: Docências. Educação Matemática. Neoliberalismo. Análise discursiva.

Abstract:

This text addresses the emptying of teaching positions legitimized by neoliberal discourses. A drama: what meanings are attributed to contemporary teaching? To answer the research question, we discuss a set of materials consisting of official documents and scientific articles that deal with *active methodologies*, interpreted by us as effects of neoliberal discourses. Using French-style discourse analysis and following the path of developing a methodology, we interpret four possible typologies: *Teachers as mediators/articulators*; *Teachers as managers*; *Teachers as innovators*; and *Teachers and some meanings to classes, to school...* In conclusion, we invite the reader to consider that if there is an emptying out of neoliberal teaching practices, our movements affirm teaching methods that transcend and affirm the present.

Keywords: Teachings. Mathematics Education. Neoliberalism. Discursive analysis.

Resumen:

Este texto aborda el vaciamiento de las posiciones docentes legitimadas por los discursos neoliberales. Un drama: ¿qué significados se atribuyen a la enseñanza contemporánea? Para responder a la pregunta de investigación, analizamos un conjunto de materiales que consisten en documentos oficiales y artículos científicos que tratan sobre *metodologías activas*, interpretadas por nosotros como efectos de los discursos neoliberales. Utilizando el análisis del discurso al estilo francés y siguiendo el camino del desarrollo de una metodología, interpretamos cuatro posibles tipologías: *Docentes como mediadores/articuladores*; *Docentes como gestores*; *Docentes como innovadores*; y *Docentes y ciertos significados de las clases, de la escuela...* En conclusión, invitamos al lector a considerar que, si bien existe un vaciamiento de las posiciones docentes neoliberales, nuestros movimientos afirman enseñanzas que superan las expectativas y afirman el presente.

Palabras clave: Docencia. Educación matemática. Neoliberalismo. Análisis del discurso.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Interpretamos o campo das docências como território em disputa. Os sentidos do que elas se tornam varia com o tempo e seus contextos. Suas distinções produzem encontros de forças que incidem em seus significados. Relações possíveis através de uma rede discursiva que constitui o objeto do qual fala.

Lemos uma perspectiva ou tendência contemporânea para as docências a partir dos discursos que advogam para si as certezas ou um regime de verdade (Foucault, 2014b) efeito dos enunciados neoliberais. Quando discursos neoliberais falam das docências, eles constituem o que as docências são em suas intencionalidades: angariar um modo de existência pautado pela lógica empresarial, no desejo de empreender a si mesmo.

Nosso objetivo consiste em analisar os sentidos atribuídos às docências através da discursividade neoliberal. Na intersecção com a análise discursiva de vertente francesa (Foucault, 2012, 2014a, 2014b), recorreremos à literatura em educação matemática, na qual a autora e o autor desenvolvem suas pesquisas, para tensionar a presença das *metodologias ativas*. Tal escolha se faz necessária por acreditarmos que a inclusão delas implica uma dupla relação: a inserção dos discursos neoliberais pelas *metodologias ativas* e a afirmação delas pelas elaborações neoliberais. Cabe destacar, que a presente pesquisa faz parte de um estudo de iniciação científica, realizado na Universidade Estadual do Paraná, entre 2024 e 2026.

Com isso, buscamos dramatizar os enunciados neoliberais que se apresentam como universais. Para além de apresentar seus efeitos no campo das docências, acreditamos lançar dados

(Deleuze, 2018) para pensar outras maneiras de tornar-se professora e professor¹ no contemporâneo. Afastando-se dos dizeres e saberes que advogam uma vida e uma aula aos preceitos empresariais em prol da potência de estar com aulas de matemática e docências...

2 NOS EMARANHADOS DE UMA DISCURSIVIDADE

A educação e a escola têm disputado sentidos com os enunciados neoliberais. Assim, Silva (2014) apresenta um estudo sobre as emergências das teorias curriculares, destacando o currículo tradicional como aquele pensado a partir da lógica empresarial que utiliza palavras como eficácia e eficiência. Passados mais de cem anos (o campo dos estudos curriculares consta de 1918), a educação tem enfrentado desafios através da inserção dos efeitos neoliberais em seus espaços. Os sentidos de escola, docência e sujeito são permeados pelo pensamento neoliberal, (re)atualizando os sentidos de eficácia e eficiência.

Segundo Gentili (1995, p. 193), “[...] o discurso educativo do neoliberalismo configura-se a partir de uma reformulação dos enfoques economicistas do ‘capital humano’”. Em sua perspectiva, o neoliberalismo privilegia o caráter econômico, interpelando as esferas da vida e, entre elas, os sentidos para educação. Nesse aspecto, a educação “[...] se define como a atividade de transmissão do estoque de conhecimentos e saberes que qualificam para a ação individual competitiva na esfera econômica, basicamente, no mercado de trabalho” (Gentili, 1995, p. 193). Assim, teoricamente, a expansão do mercado resultaria em postos de emprego e renda para todos os sujeitos e a promoção de uma economia forte impulsionaria uma educação de qualidade e uma sociedade com oportunidades para toda cidadã e todo cidadão.

No âmbito do acesso à educação e suas implicações em investimento necessário à universalização de uma educação produtora de mão-de-obra especializada, os efeitos neoliberais promovem um pensamento que descarta “[...] de vez a centralidade do Estado como agente financiador das políticas sociais” (Gentili, 1995, p. 196). Abrindo brechas para a iniciativa privada em aproximação ao ideal liberalista.

No campo educacional, evidenciamos desenhos curriculares nacionais e um controle dos programas de formação de professoras e professores, com o propósito de instaurar os sentidos de um livre comércio. Nesse aspecto, “[...] a educação somente se justifica em termos econômicos, mas a decisão do investimento em educação é uma opção individual que se dirime no mercado”

¹ A linguagem constitui a realidade. Escrevemos professora e professor para variar o sentido de masculino a humanidade. Escrever, e viver, configuram um ato político.

(Gentili, 1995, p. 196). O neoliberalismo produz uma educação que valoriza as ações econômicas, ao propor uma aproximação entre ensino e mercado de trabalho. A educação se constitui como competência à margem de um mercado em constante competitividade, pois o interesse atualiza a engrenagem econômica inspirada na otimização dos resultados.

O neoliberalismo permite uma dupla argumentação. A primeira reside na qualidade do serviço e a segunda, nos campos educacionais em que há um problema na qualidade, “[...] a solução deve ser procurada em certas estratégias de flexibilização da oferta e liberalização dos mecanismos que permitem uma livre concorrência interna nos mercados educacionais” (Gentili, 1995, p. 198). O campo de análise e aplicabilidade de recursos frente aos desafios produzidos pela noção de qualidade implicam na invenção de “critérios de avaliação” que permitem “[...] premiar os melhores e castigar os piores e, no marco dessa lógica meritocrática, estabelecer mecanismos de livre concorrência e escolha” (Gentili, 1995, p. 198). Em resumo, é o próprio sistema educativo que precisa iniciar seu funcionamento como um mercado, buscando sua clientela (neste caso, as famílias e seus estudantes). No relação entre neoliberalismo e educação, o estudante se iguala ao cliente, passando a investir e consumir uma educação, intimamente relacionada com o a racionalidade neoliberal.

Para Dardot e Laval (2016), seria simplista uma interpretação que acredita no neoliberalismo como espécie de fanatismo pela fé de uma naturalidade mercadológica. Em suas leituras, o “neoliberalismo não destrói apenas regras, instituições, direitos. Ele também *produz* certos tipos de relações sociais, certas maneiras de viver, certas subjetividades” (Dardot, Laval, 2016, p. 16, *italico nosso*). E aqui nos aproximamos das docências, pois o que está em jogo com o neoliberalismo “[...] é nada mais nada menos que a forma de nossa existência, isto é, a forma como somos levados a nos comportar, a nos relacionar com os outros e com nós mesmos” (Dardot, Laval, 2016, p. 16).

Essa forma de olhar para si e para os demais, através de uma racionalidade neoliberal, ou como uma normatividade neoliberal (Macedo, 2019), possui relações com uma gramática evidenciada por Safatle (2021), através de uma discursividade híbrida: entre economia e psicologia, instaura-se um regime denominado pelo autor de gramática do sofrimento psíquico. As palavras e as existências possíveis são aprisionadas por modelos empresariais que “[...] definem padrões de individualização a partir da racionalidade que eles procuram realizar” (Safatle, 2021, p. 33).

Termos como *protagonismo, metodologias ativas, participação ativa, eficácia, eficiência, autonomia, gestor da própria vida, mediador, facilitador, tutor, inovador*, entre outros, elaboram uma rede discursiva produtora de uma individualidade que interpreta a si mesmo como gestor da

própria vida. E no processo de produção de uma subjetividade neoliberal, não nos interessa mostrar seus efeitos, mas “[...] identificar e tornar visível o processo pelo qual o discurso neoliberal produz e cria uma ‘realidade’ que acaba por tornar impossível pensar e nominar uma outra ‘realidade’” (Silva, 1995, p. 16).

As referidas discussões esvaziam os sentidos da existência, buscando na expressão da qualidade, um estado mínimo e o investimento através dos recursos próprios. O que reverbera dos tempos e espaços neoliberais: uma necropolítica (Mbembe, 2018), na qual os indivíduos que bem administram suas existências, serão premiados com a possibilidade de continuar a viver, enquanto os demais são interpretados como sujeitos passíveis de descarte.

As formas e maneiras de avaliar, a elaboração dos ranqueamentos de sujeitos e de instituições (escolas e universidades) são elaborados para evidenciar as escolhas e os índices que expressam classificações. A partir de um número que indica o desempenho de uma escola, os participantes da instituição são creditados como sujeitos competentes e habilitados ao evidenciar a inferência expressa em avaliações em larga escala. Assim, retornam as discussões em prol de uma educação que expressa suas noções de qualidade para angariar indivíduos (e recursos) através de índices.

E no caminho da expressão máxima da qualidade, através de uma sociedade ultracapitalista, o espaço que o neoliberalismo adquire, mesmo após períodos de crise, amplia sua expansão. Com isso, ele pode ser pensado como “a razão do capitalismo contemporâneo”, sendo definido enquanto “conjunto de discursos, práticas e dispositivos que determinam um novo modo de governo dos homens segundo o princípio universal da concorrência” (Dardot, Laval, 2016, p. 17).

Pesquisadores como Silva e Mesquita (2025) e Macedo (2019), apresentam o ingresso da racionalidade neoliberal no campo educacional, seja na esfera da Educação Básica, quanto no Ensino Superior. A “[...] implantação da linguagem de mercado no campo da educação submeteu a escola [e a universidade] a métricas quantitativas e técnicas” [...] (Macedo, 2019, p. 1106). Exemplos dessa racionalidade operam através do *qualis* de um periódico, da pontuação de cada pesquisadora e pesquisador associada às publicações, bem como da classificação de um curso mensurado pelo Exame Nacional do Desempenho dos Estudantes - ENADE.

Macedo (2019) grifa as elaborações curriculares como campos que disputam sentidos e flertam com as questões neoliberais. Podemos, a fim de exemplificação, destacar “[...] apenas, que, como outros currículos nacionais surgidos na mesma época, os PCN’s² não remetiam

² Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1997).

propriamente a uma ideia de nação. Pelo contrário, justificavam-se por um mercado global que estava a exigir trabalhadores qualificados e por demandas de mobilidade no interior dos blocos econômicos” (Macedo, 2019, p. 1106). Ainda em relação aos parâmetros, vemos que a “[...] linguagem da competência proveniente, principalmente da retórica que começava a surgir nas diretrizes internacionais, apenas se insinuava no documento, intensificando-se ao longo de sua utilização” (Macedo, 2019, p. 1107).

Linguagem posta pelos discursos da competência e habilidade que adquirem suas máximas a partir dos trampolins (Corazza, 2017) propostos por uma Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018). Em suas articulações, fica evidente um “[...] discurso de que a educação deveria estar a serviço do desenvolvimento econômico, propondo estratégias de melhoria de sua qualidade condizentes com essa ideia” (Macedo, 2019, p. 1109-1110).

A racionalidade presente nos discursos neoliberais, precisa ser operacionalizada através de documentos e matrizes em escalas municipais, estaduais, federais e internacionais promovendo uma globalização que modifica a si mesmo, em resposta a uma individualização global (Macedo, 2019). Em síntese, há uma prerrogativa para movimentar uma individualização que compara e compete a vida, em suas instâncias microrrelacionais, promovendo uma sociedade ultraperformativa. A educação e as docências entram na órbita dos sentidos de uma sociedade ultracapitalista que legitima o lucro e a competição.

A seguir, descrevemos nosso percurso metodológico, o material analítico e o conceito de *docências*. Por fim, apresentamos nossas análises e como interpretamos os sentidos das docências contemporâneas.

3 CAMINHOS, PALAVRAS, SENTIDOS (OU SOBRE OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS)

Acreditamos que metodologicamente, o percurso do pesquisar - enquanto verbo - se faz no próprio caminhar das questões que circunscrevem nossas interrogações. Metodologia de pesquisa pode ser interpretada enquanto ação “pedagógica porque se refere a um como fazer, como fazemos ou como faço minha pesquisa” (Meyer, Paraíso, 2014, p. 17). Assim, ao tratar da metodologia, tratamos das escolhas e dos recortes, provisórios, de uma pesquisa.

Diferente de formas e procedimentos padronizados, defendemos um como se faz, um como fazer das pesquisas e das interrogações que colocamos em nossos objetos e campos de atuação. Com isso, “uma metodologia de pesquisa é pedagógica [...] porque se trata de uma condução: como

conduzo ou conduzimos nossa pesquisa” (Meyer, Paraíso, 2014, p. 17).

Nesse caminhar da pesquisa, perspectivamos

[...] metodologia como um certo modo de perguntar, de interrogar, de formular questões e de construir problemas de pesquisa que é articulado a um conjunto de procedimentos de coleta de informações - que, em congruência com a própria teorização, preferimos chamar de ‘produção’ de informação - e de estratégias de descrição e análise (Meyer, Paraíso, 2014, p. 18).

Nesse curso de pesquisar, há uma ideia de coleção de perguntas (Zanella, 2013) que nos arrastam para interrogações que movimentam as trilhas do estudo. Sendo assim, elegemos a análise discursiva, de vertente francesa, para pensar como os discursos constituem seus objetos. Através de uma análise com a intersecção foucaultiana, corremos as pistas³ que instigam a pensar como as docências em educação matemática são interpeladas pelos discursos neoliberais.

Uma questão pode ser interessante neste percurso: por que a escolha dos discursos neoliberais? Em sua emblemática *ordem discursiva* (Foucault, 2014a), Foucault delimita estratégias e condições que possibilitam a existência (ou não), bem como o controle e a dispersão daquilo que (não) pode ser dito.

O importante, creio, é que a verdade não está fora do poder nem sem poder [...] A verdade é desse mundo; ela é produzida aí por meio de múltiplas coações. Ela detém aí efeitos regrados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua política geral da verdade: isto é, os tipos de discursos que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros [...] (Foucault, 2014b, p. 32-33).

Esse preceito de produzir suas discursividades e o que entra em sua organização entre verdadeiro e falso, evidencia que ele é efeito de sua discursividade. Entre suas relações de saber e poder, a subjetividade é constituída pelos enunciados neoliberais, ao considerar que “[...] no momento em que emergem, funcionam e se transformam, as práticas são reconhecidas como chaves de inteligibilidade para pensar o lugar da verdade e de sua articulação com o sujeito” (Candiotto, 2013, p. 20).

Quando Foucault estuda e analisa uma série de procedimentos que colocam em movimento as produções discursivas, os seus efeitos não residem em sujeitos que seriam anteriores aos discursos, mas naqueles que são efeito das discursividades possíveis de seu tempo. Por isso, estamos atentos aos discursos que tratam do neoliberalismo no campo da educação (matemática),

³ Em Silva (2014) temos que etimologicamente, currículo deriva da palavra latina *curriculum* que significa pista de corrida.

pois são eles que produzem modos contemporâneos de dizer e pensar as docências. O que pretendemos evidenciar com nossa pesquisa é que este procedimento de dizer e constituir as docências, a partir de suas discursividades neoliberais, emergem de um controle e esvaziamento dos sentidos do que sejam as docências em nosso tempo e, portanto, de uma forma de ser sujeito.

[...] o sujeito não existe. O sujeito é um efeito da linguagem. O sujeito é um efeito do discurso. O sujeito é um efeito do texto. O sujeito é um efeito da gramática. O sujeito é um efeito de uma ilusão. O sujeito é o efeito de uma interpelação. O sujeito é o efeito da enunciação [...] O sujeito é uma derivada. O sujeito é uma ficção. O sujeito é um efeito (Corazza, Tadeu, 2003, p. 11).

Elegemos o campo das *metodologias ativas* como materialidade de pesquisa. Tal escolha analítica se faz por dois motivos: o campo metodológico e o campo filosófico-conceitual.

O primeiro circunscreve o campo metodológico da educação matemática. Existem metodologias e tendências como modelagem matemática, etnomatemática, resolução de problemas, análise de erros, ensino exploratório, entre outras, que pertencem à literatura da área e são objetos de constante estudo e análise em suas vertentes teórica, ética, social e política. A segunda, trata de um suposto clichê no campo da educação (matemática): as *metodologias ativas*. Por que todas as metodologias anteriores não são ativas? Qual a intencionalidade destas metodologias?

O que pretendemos mostrar são as *metodologias ativas* servindo à lógica neoliberal que ultraindividualiza os sujeitos. A subjetividade ativa está pautada na racionalidade neoliberal que valoriza a competição. O ativo é interpretado como um sujeito que gesta sua vida de forma eficaz e eficiente. Em resumo, as *metodologias ativas*, como estão postas, abrem o espaço para os discursos neoliberais adentrarem em aulas e nos sentidos que são produzidos em escolas e universidades. Aqui, retomamos *A Ordem do discurso* (Foucault, 2014a) para pensar que há uma engrenagem na qual o sujeito insere-se em discursos que produzem modos específicos de pensar e existir.

A contar do recorte da literatura na área de educação matemática, discorreremos sobre os efeitos possíveis de constituir docências pelos discursos das *metodologias ativas* que iniciam em discussões realizadas em um grupo de pesquisa⁴. Buscando entender o que elas sejam e quais suas implicações ao campo das docências e da educação, elegemos os seguintes materiais analíticos: Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1997), o artigo Mudando a educação com *metodologias ativas* (Morán, 2015), o livro Guia prático de metodologias ativas com uso de tecnologias digitais da informação e comunicação (Silva, 2020) e o artigo que trata das *metodologias ativas* e a Educação Infantil (Alves *et al.*, 2025). Tais materiais foram selecionados a partir de uma

⁴ Skholé: educações e matemáticas e filosofias... certificado pelo CNPq.

problemática inicial: *o que são metodologias ativas?*⁵

O primeiro material é um documento oficial que legitima a organização curricular e, conforme Macedo (2019), traz discussões neoliberais anteriores à BNCC (Brasil, 2018); O artigo de Morán está referenciado no campo das *metodologias ativas*⁶. Através das pesquisas oriundas do grupo *Skholé*, encontramos o Guia prático de *metodologias ativas* e fizemos a análise do material por ser um *e-book* de acesso livre, elaborado em uma universidade pública. Por fim, um artigo que aproxima as referidas metodologias ao campo da educação infantil.

O material analítico está estruturado a partir de quatro trabalhos escritos. A escolha deles, que se apresentam de forma dispersa, se dá em função das teias neoliberais. Da mesma maneira que elas defendem um Estado organizado de forma livre à iniciativa privada e escasso à iniciativa pública, sem tratar do viés econômico, as *metodologias ativas* também fazem uso dessas articulações. Ou seja, sem dizer o que são e sem mostrar suas filiações, proliferam seus significados em prol de um espaço-tempo promissor para seu impulsionamento: a educação. Cabe a pesquisa, operar com esses fragmentos no exercício de traçar margens para pensar o que elas sejam.

Assim, assumimos os riscos de uma materialidade dispersa, mas defendemos que o modo de pensar microrrelacional⁷ das *metodologias ativas* pressupõe uma dispersão que se faz intencional. Os limites da presente pesquisa, e dos recortes metodológicos, configuram um movimento para continuar pesquisando as teias e os tramas de uma discursividade neoliberal.

4 DOCÊNCIAS

Etimologicamente, docências tem aproximação com

douto - adjetivo.
que aprendeu muito, erudito, muito instruído.

docente - Adjetivo
que ensina, que diz respeito a professores, professor, lente
do latim *docens-entis*.

dócil - Adjetivo
Submisso, obediente, flexível
Do latim *dōcīlis* = que aprende facilmente, que se maneja facilmente, relacionado com

⁵ Embora estejamos em uma perspectiva pós-estruturalista, as emergências de um pensamento são possíveis pelas elaborações estruturalistas. Para pensar os limites e as fronteiras entre estrutura e pós-estrutura, conferir (Peters, 2000).

⁶ A presente pesquisa é uma parte das discussões de iniciação científica, vinculadas ao grupo de pesquisa, Skholé. Em pesquisas anteriores (Grossl; Correa; Santos, 2025) analisamos os movimentos neoliberais nos anais do XV Encontro Nacional de Educação Matemática (ENEM) e o texto referido apareceu em 7 dos 11 artigos analisados.

⁷ A partir das ideias de *Microfísica do Poder*, de Foucault (2025).

docere = ensinar.

doutrina - Substantivo feminino.

Do latim *doctrina*, de *docere*

conjunto de princípios que servem de base a um sistema religioso, político ou filosófico (Cunha, 2010, p. 226-229).

Entre aquela e aquele que aprende muito e ensina, o que é submisso e dócil e o que se constitui sobre um conjunto de princípios e pensamento, há espaços para pensar as docências com os lastros dos sentidos etimológicos. As relações entre docente, dócil e doutrina encontram terreno fértil no campo neoliberal. Dócil como aquela e aquele que obedecem e executam as funções indicadas de maneira rápida e eficiente, segundo documentos nacionais, cartilhas e modos prescritos pelo campo neoliberal, a partir de estratégias de saber-poder (Foucault, 2012).

Mas é pelo viés da filosofia, o que podemos dizer a respeito das docências? Autores como (Santos, 2021; Santos; Bello, 2022) tratam das docências como um espaço-tempo não vazio a ser preenchido, pois os sentidos atribuídos a elas adquirem forma e materialidade no espaço e no tempo das aulas (de matemática). Podemos tomar como exemplo o Estágio Curricular Supervisionado. Por mais que os planos estejam elaborados, discussões organizadas, existem brechas para o impensável no âmbito de uma aula. Questões, dúvidas e indagações que surgem e extrapolam o espaço limitado de um plano.

Esse imprevisível nos convida a estar preparados para o que pode uma aula de matemática. (Santos, 2021) discute a potência do verbo *aular* no percurso de constituir uma ação que acontece e adquire materialidade em suas feitura. Ao mesmo tempo, um espaço-tempo que será ocupado pelos discursos que circunscrevem os sentidos de estar professora e professor, e, assim, seguem disputando significados produzidos no contemporâneo. Assim, quais são os sentidos (provisórios) às docências interpeladas pelas *metodologias ativas*?

5 AS DOCÊNCIAS E OS EFEITOS NEOLIBERAIS (ENTRE ANÁLISE E RESULTADOS DE UM PESQUISADOR)

A seguir, apresentamos nossas categorias analíticas. Por meio da análise discursiva e um demorar-se com os escritos que tratam das *metodologias ativas*, percebemos recorrências de sentidos que foram agrupados em quatro tipologias. Cada uma delas produz efeitos sobre as docências: preenche seu espaço-tempo não vazio, rompendo com sua polissemia em prol de significados fixos ao perceber que estamos vivendo um processo de reelaboração do campo político, educacional ressignificando o sujeito às lentes neoliberais (Silva, 1995).

Para cunhar as tipologias, realizamos a leitura integral do material analítico e a separação dos escritos aconteceu através dos sentidos que aproximam e dão sustentabilidade para cada uma.

5.1 Professora e professor como mediadores/articuladores

A primeira tipologia produz sentidos entre mediar e articular.

O professor, nesta metodologia, assume um papel de consultor, de especialista e deve orientar na reflexão de estratégias e soluções propostas (Silva, 2020, p. 37).

Consultor, especialista, orientador e monitor são alguns dos papeis das docências contemporâneas. A exceção do orientador, as demais palavras ancoram-se em campo do corporativismo, pautado pela ideia de uma administração eficiente.

O papel de uma professora e um professor que faz mediação, orienta e facilita as aprendizagens, são enunciadas nos discursos neoliberais.

Mediar, orientar ou facilitar requer uma abertura ao novo, a novos questionamentos e a novas respostas. Mediar, orientar ou facilitar é problematizar, é buscar novas fontes de informação, é fugir de respostas rasas (Silva, 2020, p. 10-11).

Estar aberto ao novo e aquilo que não é visto como tradicional. Nas discussões do campo das *metodologias ativas*, há prescrições regulando os modos de agir das docências.

- Faça questionamentos para verificar o estudo prévio;
- Esclareça as dúvidas apresentadas;
- Se foi cobrada alguma atividade a ser realizada no estudo prévio como enquetes, questionários ou resumos, faça uma síntese da produção dos estudantes;
- Não dê aula expositiva de todo o conteúdo disponibilizado, mas faça uma breve exposição dialogada das partes principais;
- Cobre sempre alguma atividade ou manifestação dos estudantes para comprovar o estudo prévio (Silva, 2020, p. 26-26).

A professora e o professor mediadores, facilitadores são aqueles que não possuem espaço para criar e elaborar suas aulas. Nessas orientações, a professora e o professor tornam-se um *docente-aulista* no sentido de aplicar aula após aula. Um *sujeito-aplicador*. Nesse percurso, quem aplica não participa do processo de elaboração, só da execução.

Pelo viés das *metodologias ativas*,

Os alunos precisam de acompanhamento de profissionais mais experientes para ajudá-los a tornar conscientes alguns processos, a estabelecer conexões (Morán, 2015, p. 18).

O que seriam profissionais mais experientes? Essa experiência extra está vinculada ao campo empresarial? Cabe sublinhar que a experiência está vinculada ao campo empresarial, enquanto repertório de uma professora e um professor que constituem suas aulas através de uma competitividade, na busca por resultados em um intervalo de tempo ínfimo. Os discursos pregam a economia em suas múltiplas possibilidades.

O articulador das etapas individuais e grupais é a equipe docente (professor/tutor) com sua capacidade de acompanhar, mediar, de analisar os processos (Morán, 2015, p. 18-19).

O papel do professor é mais o de curador e de orientador. Curador, que escolhe o que é relevante [...] curador, no sentido também de cuidador: ele cuida de cada um, dá apoio, acolhe, estimula, valoriza, orienta e inspira (Morán, 2015, p. 24).

As docências como tutoria. Para finalizar, temos uma ideia de cuidador no sentido de acolher, estimular, valorizar, orientar e inspirar. Tantos verbos para esvaziar os sentidos de ser professora e professor, bem como indicar que escola e educação não precisam de rede de apoio, pois a professora e o professor em sua curadoria, cuidam e executam – entre mediar e facilitar – todas as instâncias necessárias do campo educacional.

5.2 Professora e professor como gestores

A segunda categoria delimita as docências como uma gestão.

[...] quando lê-se que nas metodologias ativas o professor tem diminuído o seu protagonismo e que cabe a ele, na sua ação profissional, a função de facilitador e orientador, pode transparecer que o papel do professor não é mais tão importante, e isso é um grande erro, pois como afirmam Bacich e Moran (2018), o professor torna-se um gestor de caminhos coletivos e individuais (Silva, 2020, p. 10).

Tal qual uma empresa, a escola e os docentes são vistos pela ótica da gestão. Cabe às docências realizar a administração dos caminhos e itinerários formativos no percurso de uma educação neoliberal.

O professor é responsável por disponibilizar de forma prévia materiais para estudo e continua sendo o principal responsável por guiar os estudantes sobre como compreender e aplicar os novos conhecimentos, principalmente àqueles recém-adquiridos. Deve desempenhar o papel de facilitador, mentor, auxiliador, incentivador, consultor, ouvinte de ideias (Silva, 2020, p. 23).

As aprendizagens significam mentoria. O professor facilita, auxilia, incentiva e faz consultas. A educação pela perspectiva da eficácia e da eficiência, lança seus resultados em agentes externos que analisam e apresentam receitas e procedimentos para uma gestão competente.

Ressaltando que talvez a mudança mais difícil de ser assimilada é a consciência de que partes dos conteúdos sejam suficientes para resolver determinados problemas e que outras partes talvez não serão nem abordadas. Afirmo que essa é uma tarefa difícil, pois recai sobre os educadores a “responsabilidade” de abordar e cumprir todo o conteúdo programático (Silva, 2020, p. 14, aspas do autor).

O professor é responsável por disponibilizar de forma prévia materiais para estudo com os conceitos necessários para a construção do conhecimento de determinado assunto e de selecionar e preparar os testes conceituais. Também faz a explanação rápida dos conceitos (Silva, 2020, p. 32-33).

Nos trechos anteriores, a professora e o professor são responsabilizados pelas ações e escolhas curriculares, mas não são participantes da proposta. E são cobrados por antecipar discussões e realizar de forma instantânea e breve os conhecimentos abordados a fim de minimizar o tempo perdido. Culminando na aplicação de testes e verificação de resultados. Esse é um dos sentidos alargados pelo escopo neoliberal: a educação está reduzida a testes externos e verificação de aprendizagem. Em resumo, a educação transforma-se em avaliação. Nesse caminho de avaliar, a docência é interpretada como um treinamento, exigindo rapidez e adaptação.

[...] treine a metodologia uma primeira vez e depois discuta com a turma sobre como se sentiram e em que podem melhorar (Silva, 2020, p. 34).

O papel ativo do professor como design de caminhos, de atividades individuais e de grupo é decisivo e o faz de forma diferente. O professor se torna cada vez mais um gestor e orientador de caminhos coletivos e individuais (Morán, 2015, p. 26-27).

A professora e o professor ativo não residem na mesma proatividade que o aluno, embora o neoliberalismo valorize em suas discursividades uma subjetividade ativa. A proatividade dos professores habita a instrução: aquele que verifica, orienta e valida os produtos oriundos da empresa-escola. Podemos sublinhar que os sujeitos ativos possuem relações com a população economicamente ativa, pois é ela que gera produção e riqueza, alimentando uma racionalidade neoliberal.

É importante que os projetos estejam ligados à vida dos alunos, às suas motivações profundas, que o professor saiba gerenciar essas atividades, envolvendo-os, negociando com eles as melhores formas de realizar o projeto [de vida] (Morán, 2015, p. 22).

Para encerrar a segunda categoria, percebemos que a professora e o professor como gestores precisam gerenciar o projeto de vida de cada estudante. Assim, as docências negociam espaços entre mediar, orientar, cuidar e produzir curadorias de vidas como empresas em ativo funcionamento, denominada pelos campos neoliberais como um projeto de vida, individualizando as responsabilidades e os resultados educacionais.

5.3 Professora e professor como inovadores

Nossa terceira categoria agrupa identidades que enxergam a professora e o professor como inovadores.

[...] para que as metodologias ativas sejam efetivas é importante que o educador esteja preparado para modificar suas concepções de ensino e de aprendizagem, dando abertura para novas formas de interação com o conhecimento e para soluções inovadoras das atividades (Silva, 2020, p. 14).

Modificar as concepções tradicionais apresentando soluções inovadoras. A inovação aparece como uma possível resposta à episteme neoliberal. Ao que podemos questionar, o que são soluções inovadoras?

Os métodos tradicionais, que privilegiam a transmissão de informações pelos professores, faziam sentido quando o acesso à informação era difícil. Com a internet e a divulgação aberta de muitos cursos e materiais, podemos aprender em qualquer lugar, a qualquer hora (Morán, 2015, p. 16).

Aprender em qualquer lugar implica em: um, aprender permanente e dois, esvaziar os sentidos do que seja uma escola em prol de um aprender a aprender. O sujeito torna-se organizador de suas aprendizagens em qualquer ambiente, precarizando espaços e tempos de estudo. Aprender em qualquer espaço e tempo implica em aprender no deslocamento de casa para o trabalho?!

O que a tecnologia traz hoje é integração de todos os espaços e tempos. O ensinar e o aprender acontece numa interligação simbiótica, profunda, constante entre o que chamamos mundo físico e mundo digital [...] a educação formal é cada vez mais blended, misturada, híbrida, porque não acontece só no espaço físico da sala de aula, mas nos múltiplos espaços do cotidiano, que incluem os digitais (Morán, 2015, p. 16).

Invertemos a lógica tradicional de que o professor ensine antes na aula e o aluno tente aplicar depois em casa o que aprendeu em aula, para que, primeiro, o aluno caminhe sozinho (vídeos, leituras, atividades) e depois em sala de aula desenvolva os conhecimentos que ainda precisa (Morán, 2015, p. 22).

As docências inovadoras são aquelas que ocupam todos os espaços possíveis. De forma ininterrupta, estão a ensinar e aprender como sujeitos proativos outros sujeitos proativos que ensinam e aprendem.

Valorização dessa abordagem pedagógica por parte dos professores, onde 100% dos participantes consideram as metodologias ativas uma abordagem que envolvem a participação ativa dos alunos, de forma ativa, o que indica uma compreensão clara e unânime da importância dessa abordagem no processo de ensino-aprendizagem (Alves *et al.*, 2025, p. 6).

Circulamos algumas considerações acerca do universo de 100% dos professores. A pesquisa apresenta oito professores em sua análise. Em que todos os sujeitos analisados defendem que as *metodologias ativas* envolvem uma participação ativa dos estudantes. Viver de forma ativa, no percurso neoliberal, torna-se consumir e comparar. O ativo eleva o sujeito ao campo do consumo em uma estratégia de sociedade capitalista avançada. A vida, na forma de projeto, perspectiva as trocas em prol de existências possíveis. Podemos interpretar a transformação da educação em consumo e comparação como uma inovação.

5.4 Professora, professor e alguns sentidos às salas, à escola

Como última categoria, reunimos excertos que produzem sentidos às aulas, à escola.

Os jogos e as aulas roteirizadas com a linguagem de jogos cada vez estão mais presentes no cotidiano escolar. Para gerações acostumadas a jogar, a linguagem de desafios, recompensas, de competição e cooperação é atraente e fácil de perceber (Morán, 2015, p. 18)

A linguagem dos jogos através da gamificação elabora sentidos que privilegiam uma cooperação, comparação, recompensa e desafio.

As escolas [...] estão mudando o modelo disciplinar por modelos mais centrados em aprender ativamente com problemas, desafios relevantes, jogos, atividades e leituras [...] (Morán, 2015, p. 19).

Um dos muitos modelos interessantes para pensar como organizar a sala de aula de forma diferente é olhar para algumas escolas inovadoras (Morán, 2015, p. 19).

Vemos que o modelo disciplinar não dá conta do escopo neoliberal. Assim, emerge um sentido de aprender ativamente, através da inovação. Ao que podemos questionar: o que é uma

aprendizagem ativa?

A metodologia ativa surge como uma abordagem inovadora que coloca o estudante no centro do processo de aprendizagem, transformando o papel do aluno de receptor passivo para um agente ativo [...] (Alves *et al.*, 2015, p. 3).

[...] trata-se de ter em vista a formação dos estudantes em termos de sua capacitação para a aquisição e o desenvolvimento de novas competências, em função de novos saberes que se produzem e demandam um novo tipo de profissional (Brasil, 1997, p. 27-28).

As *metodologias ativas* produzem seus significados no encontro entre inovação, participação ativa e campo profissional. Elas surgem como uma possibilidade de abordagem inovadora ao articular uma racionalidade neoliberal no campo educacional. Aprender em todas as esferas da vida interpreta-se como inovar.

A/o estudante que participa ativamente é estruturado de acordo com uma identidade ativa, o que pode ser denominada de subjetividade ativa: enxergar o sujeito dentro dos efeitos discursivos que legitimam o neoliberalismo em suas máximas expressões. O sujeito ativo como aquele que empreende a si mesmo. Essa prescrição para empreender a si mesmo no campo educacional se torna discursivamente possível pelas lentes de um aprender a aprender.

O ambiente físico das salas de aula e da escola como um todo também precisa ser redesenhado dentro dessa nova concepção mais ativa, mais centrada no aluno [...] as escolas como um todo precisam repensar esses espaços tão quadrados para espaços mais abertos, onde lazer e estudo estejam mais integrados (Morán, 2015, p. 19).

Estudo e lazer se aproximam. Aprender de forma divertida. Como pensar “espaços mais abertos” se o próprio discurso neoliberal impõe seu controle através de apostilas e plataformas que regulam o estudar. Vemos um modo de aprender contínuo. E a brincadeira também adquire sentido no campo neoliberal. A escola

[...] proporciona experiências interativas que permitem a criança aprender de forma natural, prazerosa e significativa, garantindo que os alunos não apenas se divirtam, mas também aprendam conteúdos relevantes de forma eficaz (Alves *et al.*; 2025, p. 4).

A educação básica tem assim a função de garantir condições para que o aluno construa instrumentos que o capacitem para um processo de educação permanente (Brasil, 1997, p. 28).

Nas experiências interativas, o neoliberalismo constitui uma das formas de brincar: a partir das telas, do virtual e de maneira permanente. Telas que controlam os sentidos para que o sujeito que brinca, seja efeito de um sistema neoliberal. Como brincar e eficácia funcionam e operam em

um capitalismo avançado que regula o indivíduo em sua menor incidência possível? Qual a utilidade do brincar e do lazer?

Eficácia, eficiência e todos os preceitos neoliberais agem no corpo individualizado. O sujeito entre brincar, se divertir e tornar-se eficaz, constitui a si mesmo como um espelho das tramas e dramas, de uma sociedade que gira e faz seus sentidos relacionam-se com o capital. No centro da existência neoliberal, há lucro, concentração de renda e comparação. Vence (ou brinca de forma mais efetiva possível) aquelas e aqueles que acumulam riquezas (ou aprender a aprender).

[...] a escola deve proporcionar um ambiente acolhedor e favorável e disponibilidade de condições e recursos pedagógicos necessários para que os professores desenvolvam um trabalho de excelência, criado e aplicando métodos ativos e atividades lúdicas que desperte o interesse e a curiosidade dos alunos [...] Além disso as metodologias ativas podem ser utilizadas desde a educação infantil ao ensino superior [...] (Alves *et al.*, 2025, p. 8).

O recurso torna a escola feliz, eficaz e eficiente. Como a excelência torna-se um método ativo? Através do insistente exercício de aprender a aprender. Que inicia na infância e percorre todas as esferas da vida. Nesse caminho, invertemos as aulas e acabamos, enfim, por inverter a escola. Novamente, a inversão da escola se aproxima da perspectiva que defende o aprender a aprender em todos os lugares, em todos os instantes.

A prescrição está ativa. A professora, o professor, a estudante, o estudante e a escola comungam de um e, somente um adjetivo: *ativo*. Estamos em uma sociedade, insistentemente, ativa. Silenciosamente, o esvaziamento dos sentidos do que sejam as docências, as escolas, as aulas e as e os estudantes emergem em um aprender a aprender.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Permeados pelas *metodologias ativas*, os sentidos das docências são reduzidos no campo da educação matemática. A racionalidade neoliberal produz um adoecimento em todas as esferas da vida, pois estamos continuamente aprendendo a aprender. No entanto, não podemos esquecer que as docências são territórios em disputa.

O esvaziamento dos sentidos atribuídos às docências é um projeto político angariado por uma série de discursos que enxergam em um capitalismo avançado a solução das mazelas sociais e educacionais. As identidades *Professora e professor como mediadores/articuladores*; *Professora e professor como gestores*; *Professora e professor como inovadores*; e *Professora, professor e alguns sentidos às aulas, à escola...* colocam em destaque palavras de ordem e escolhas metodológicas

para produzir uma tipologia específica das docências contemporâneas: as *docências-neoliberais*.

Elas aparecem em documentos como a LDB e os Parâmetros Curriculares Nacionais e em produções do campo da educação (matemática). Legitimadas por uma vertente que interpreta a tudo e a todos como uma empresa, produzem docências esvaziadas. Docências reduzidas às prescrições de uma racionalidade que valoriza o empreender a si mesmo, o estado mínimo e o lucro em suas escalas mais microrrelacionais: racionalidade neoliberal. Discursivamente, a maquinaria neoliberal adquire espaço no terreno educacional através do aprender a aprender. Na perspectiva de uma continuidade, emergem *sujeitos ativos* e *docências-neoliberais*.

Por esvaziamento das docências, interpretamos práticas discursivas que defendem uma forma específica de metodologia: as *metodologias ativas*. Ao reduzir os sentidos de educação a avaliar, diminuímos o que faz uma aula e uma escola, reafirmando um pensar dualista entre as *metodologias ativas* e as passivas. Seu limite máximo, e mínimo, se tornam possíveis através do *aprender a aprender*. Será que tudo o que a escola e a educação (matemática) fizeram antes de um aprender insistentemente era passivo e sem protagonismo?

Em contrapartida, defendemos uma educação menor e um tempo livre, a partir das docências que excedem. Mediar, otimizar, tutoriar, arquitetar não nos parecem verbos possíveis para o que pode uma escola e uma aula de matemática. Defendemos uma educação matemática na contramão da pressa e dos resultados instantâneos.

Igualmente, afirmamos que a escola não é uma empresa. Entre saberes, efeitos e encontros, acreditamos formar sujeitos capazes de sorrir e produzir relações cuja métrica não seja o lucro, mas o estar com, no tempo e no espaço presente em aulas de matemática. Quando nos fazemos presente em aulas de matemática iniciamos um percurso de preencher docências com o chão da escola e da universidade. Tal preenchimento pressupõe desconfiar ou, como aprendemos com Nietzsche, martelar (Nietzsche, 2017) metodologias que se dizem ativas.

REFERÊNCIAS

ALVES, A. *et al.* Metodologias ativas: um estudo sobre a aplicação do lúdico no processo de ensino e aprendizagem na educação infantil, da Creche Prof.^a Maria da Natividade Marques Freire no Município de Buriticupu. **Revista JRG de Estudos Acadêmicos**, São Paulo, v. 8, n. 18, p. 1-9, 2025. Disponível em: <https://revistajrg.com/index.php/jrg/article/view/1897/1526>. Acesso em: 1 ago. 2026.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. 1997. Disponível em: <https://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>. Acesso em: 1 ago. 2026.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. 2018. Disponível em: https://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf. Acesso em: 1 ago. 2026.

CANDIOTTO, C. **Foucault e a crítica da verdade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

CORAZZA, S. M. Base Nacional Comum Curricular: apontamentos críticos-clínicos e um trampolim. In: CORAZZA, S. M. (Org.). **Docência-pesquisa da diferença: poética de arquivomar**. Porto Alegre: Doisa, 2017. p. 180-198.

CORAZZA, S. M.; TADEU, T. **Composições**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

CUNHA, A. G. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

DARDOT, P.; LAVAL, C. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DELEUZE, G. **Nietzsche e a filosofia**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

FOUCAULT, M. **História de Sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2012.

FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2014a.

FOUCAULT, M. **Ditos e Escritos IX: genealogia da ética, subjetividade e sexualidade**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014b.

GENTILI, P. O que há de novo nas novas formas de exclusão na educação? Neoliberalismo, trabalho e educação. **Educação & Realidade**, v. 20, n. 1, 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71754>. Acesso em: 1 ago. 2026.

GROSSL, P. C. L.; CORREA, R. C.; SANTOS, G. S. Paulo Freire e Metodologias ativas: Neoliberalismo como engenharia social. **XV Encontro Nacional de Educação Matemática**, 2025, Manaus. XV encontro nacional de educação matemática. Manaus: Even3, 2025. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/anaisenem/1075253-paulo-freire-e-metodologias-ativas--neoliberalismo-como-engenharia-social/> Acesso em 27 set. 2026.

MACEDO, E. A educação e a urgência de “desbarbarizar” o mundo. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v. 17, n. 3, p. 1101-1122, 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/44534/29941>. Acesso em: 1 ago. 2026.

MBEMBE, A. **Necropolítica**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MEYER, D. E.; PARAÍSO, M. A. **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014.

MORÁN, J. Mudando a educação com metodologias ativas. In: SOUZA, C. A.; MORALES, O. E. T. **Convergências midiáticas, educação e cidadania: aproximações jovens**. Ponta Grossa: Foca Foto-PROEX/UEPG, 2015. p. 15-33. Disponível em: https://moran.eca.usp.br/wp-content/uploads/2013/12/mudando_moran.pdf. Acesso em: 1 ago. 2026.

NIETZSCHE, F. *Crepúsculo dos ídolos*. São Paulo: Companhia de bolso, 2017.

SAFATLE, V. A economia é a continuação da psicologia por outros meios: sofrimento psíquico e o

neoliberalismo como economia moral. In: SAFATLE, V.; JUNIOR, N. S.; DUNKER, C. **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. São Paulo: Autêntica, 2021. p. 17-46.

SILVA, A. J. C. **Guia prático de metodologias ativas com uso de tecnologias digitais da informação e comunicação**. Lavras: Editora UFLA, 2020. 69 p. Disponível em: <https://repositorio.ufla.br/handle/1/42956> . Acesso em: 1 ago. 2026.

SILVA, R. R. N.; MESQUITA, I. M. “Qual o destino das licenciaturas?": o caráter privatista, mercantil e neoliberal na formação de professores no Brasil (2009-2018). **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v. 23, p. 1-26, 2025. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/64293/47310>. Acesso em: 1 ago. 2026.

SILVA, T. T. A “nova” direita e as transformações na pedagogia da política e na política da pedagogia. In: GENTILI, P. A.; SILVA, T. T. (Orgs.). **Neoliberalismo, qualidade total e educação**. Rio de Janeiro: Vozes, 1995. p. 9-29.

SILVA, T. T. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. São Paulo: Autêntica, 2014.

SANTOS, G. S. **Pedagogia da Realidade e Educação Matemática: entre as docências escrava e nobre**. Tese (doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências. Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Porto Alegre, 2021. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/224586> Acesso em 27 set. 2026.

SANTOS, G. S.; BELLO, S. E. L. Etnomatemática e Pedagogia da Realidade: perspectivas às docências escrava e nobre. **Perspectivas da Educação Matemática, [S. l.]**, v. 15, n. 40, p. 1–20, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/pedmat/article/view/15492>. Acesso em: 27 set. 2026.

PETERS, M. **Pós-estruturalismo e filosofia da diferença: uma introdução**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

ZANELLA, A. V. **Perguntar, registrar, escrever: inquietações metodológicas**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

ⁱ **Paola Ciane Lubke Grossl**

Licencianda em Matemática

Graduação em Licenciatura em Matemática em andamento. Participa do grupo de pesquisa *Skholé: educações e matemáticas e filosofias...* como bolsista, atualmente voluntária, do Programa de Iniciação Científica com o projeto “Neoliberalismo e Educação (Matemática): implicações para pensar a constituição das docências”. Anteriormente, de 2024 a 2025, foi bolsista remunerada com a pesquisa “Identidades docentes na/da educação matemática”. Tem interesse em pesquisas que envolvam a Filosofia da educação (matemática) com temas como o papel da professora e do professor de matemática, neoliberalismo e educação e metodologias ativas.

E-mail: paola.grossl.78@estudante.unespar.edu.br | ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-8573-7014> |

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0564343905240885>

ⁱⁱ **Gilberto Silva dos Santos**

Doutor em educação em ciências, área de formação: educação matemática

Licenciado em matemática (UFRGS), Mestre e Doutor em Educação em Ciências (UFRGS). Professor Adjunto da Unespar, Campus de União da Vitória e Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação Inclusiva - PROFEI. Líder do grupo de pesquisa *Skholé: educações e matemáticas e filosofias...* Atualmente pesquisa a constituição das docências em educação matemática. Temas de pesquisa: Filosofia da educação (matemática); Docências; Currículo e Aulas de Matemática através da perspectiva inclusiva. Defensor da educação básica.

E-mail: gilberto.santos@ies.unespar.edu.br | ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4616-9891> |

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2451130032307700>

Disponibilidade de Dados

Os dados que sustentam os resultados deste estudo estão disponíveis no próprio artigo.

Editores responsáveis

Guilherme José Pereira; Paola Gabriela da Costa Arantes.

Como citar este artigo ABNT e APA:

GROSSL, Paola Ciane Lubke; SANTOS, Gilberto Silva dos. O esvaziamento das docências: efeitos da discursividade neoliberal. *@arquivo Brasileiro de Educação*, Belo Horizonte, v. 14, n. 23, p. 276-296, 2026. DOI: <https://doi.org/10.5752/P.2318-7344.2026v14n23p276-296>

Grossl, P. C. L., & Santos, G. S. (2026). O esvaziamento das docências: efeitos da discursividade neoliberal. *@arquivo Brasileiro de Educação*, 14(23), 276-296. DOI: <https://doi.org/10.5752/P.2318-7344.2026v14n23p276-296>